
**MEDIAÇÕES CULTURAIS E FORMAÇÃO: REFLEXÕES
ADORNIANAS DE *O GATO E O ESCURO***

Christian Muleka Mwewa*
Sarita Brolese do Nascimento**

* Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. christian.mwewa@pq.cnpq.br

** Universidade do Sul Santa Catarina – Unisul. sarita.brolese@hotmail.com

Resumo

Neste artigo pretendemos trabalhar uma parte dos resultados alcançados no âmbito do Projeto de Iniciação Científica *Mediações culturais e formação*. Pelo cotejamento dos conceitos de semiformação e formação cultural cunhados por Theodor W. Adorno, analisamos o potencial da mediação cultural por meio da formação familiar. Para tanto, tomamos como exemplo de campo a relação estabelecida entre mãe e filho na narrativa presente no livro *O gato e o escuro*, do moçambicano Mia Couto, em tensão com os pressupostos formativos apresentados por Adorno. A pergunta norteadora reside em pensar as possibilidades que o 'sujeito' Pintalgato elaborou para empreender suas ações mesmo mediante a tutela de 'outrem'. As nossas considerações finais indicam que a autonomia também pode ser potencializada na medida em que o sujeito é motivado pelo medo e pela fantasia/imaginação.

Palavras-chave: semiformação, formação cultural, *O gato e o escuro*, Teoria Crítica.

Abstract: Cultural training and mediation: Adornian reflexions from *O gato e o escuro*. In this article we intend to work in a part of findings from the undergraduate Project *Cultural mediations and formation*. Through collation of concepts of cultural semiformation and formation coined by Theodor W. Adorno we have analyzed the potential of cultural mediation by familiar formation. Thereunto, we take as field example the relationship established between mother and child in the narrative inside the book *O gato e o escuro*, by the Mozambican writer Mia Couto, in tension with formative assumptions by Adorno. The guiding question is to think the possibilities that the 'subject' *Pintalgato* has elaborated to undertake his actions even with another's guardianship. Our final considerations indicate that autonomy also may be potentiated as the subject is motivated by fear and fantasy/imagination.

Keywords: semiformation, cultural formation, *O gato e o escuro*, Critical Theory.

Introdução

A pesquisa *Mediações culturais, formação, teoria crítica e estudos culturais* busca ampliar algumas indicações apontadas nos estudos realizados no mestrado e no doutorado por um dos autores, que tiveram como ponto de tensão a análise de alguns dos escritos de Adorno (2004, 2003, 2000a, 2000b, 1974). Para a presente análise tem-

se como centralidade as categorias semiformação e formação cultural tangenciadas por outras como: crítica cultural, indústria cultural e formação.

É importante lembrar que a ideia de 'mediação cultural', no contexto deste trabalho, é autorreferencial, ou seja, mediação cultural é compreendida como o movimento interno que o sujeito realiza com base em sua formação em tensão com os dispositivos culturais frente à realidade objetiva. Portanto, nessa questão, distanciamos-nos do ponto de vista referencial do

trabalho de Coutinho (2009), por exemplo. Os trabalhos da referida autora têm como referencial o agente externo na mediação cultural. Ou seja, a questão central nos trabalhos dessa autora é como a ação de 'outrem' pode auxiliar na relação que o sujeito estabelece com a arte e seus contextos. Para nós, o que interessa é perceber como a formação cultural do sujeito pode mediar sua relação com o mundo objetivo. Em outras palavras, como o sujeito empreende uma ação autônoma diante da realidade (a proibição de não adentrar o escuro, por exemplo). Pois, "o entendido e experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal" (ADORNO, 2010, p. 29).

Por meio do cotejamento dos conceitos de semiformação e formação cultural, cunhados por Adorno (2010), analisamos o potencial da mediação cultural da formação familiar. Em se tratando de um estudo teórico, pretende-se alcançar o objetivo à luz do estudo sistemático do texto intitulado *Teoria da Semiformação* (ADORNO, 2010) em confronto com a questão da formação (educação) presente no livro *O gato e o escuro*. O movimento de aproximação e distanciamento, ou seja, o movimento de tensão é feito mediante ideias do próprio Adorno e seus comentadores. A escolha desse livro deve-se ao fato de a narrativa oferecer elementos suficientes para a análise do empreendimento do processo de autonomia pelo sujeito, mediado pelo conceito de semiformação e formação. Por meio desses conceitos, caros para Theodor W. Adorno, é possível perscrutar o empreendimento de *Pintalgato* com base em sua formação cultural em direção a potencializar sua autonomia, "[...] pois a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva" (ADORNO, 2010, p. 9).

Nossa hipótese é a de que a formação cultural e o contexto social no qual o sujeito está inserido são elementos que atuam de maneira direta nos seus mecanismos culturais e educacionais. A teoria da semiformação figura como instrumento (tecnologia, meio) do qual nos valem para a compreensão de uma nova configuração social. Nesse sentido, quiçá, nossa pesquisa pode contribuir com a discussão no campo da educação para pensar a formação objetiva do sujeito.

Assim, no presente artigo, nosso objetivo é analisar o potencial da mediação cultural da

formação familiar, tomando como exemplo de campo a relação estabelecida entre mãe e filho no livro *O gato e o escuro*, de Mia Couto, em tensão com os pressupostos formativos.

Aproximações do conceito de semiformação e o contexto formativo: mediações contextuais¹

Com base nas reflexões elaboradas por Pucci (2010), pretendemos, neste item, elaborar os pressupostos teóricos para um melhor tensionamento da concepção de formação defendida por Adorno, tendo como exemplo de campo a personagem *Pintalgato*. Segundo Pucci (2010), Adorno assevera que 'formação' seria a apropriação subjetiva da cultura pelo sujeito; ou seja, a cultura como adaptação à vida real e a constante busca pela autonomia do sujeito. Quanto ao caráter de adaptação, também em certa medida necessário e vinculado ao conceito de cultura, Petry (2011, p. 45) afirma:

Adorno buscará mostrar, por meio de um método dialético, que assim como mito e esclarecimento estão entrelaçados, também o conceito de cultura e sua relação com a subjetividade possuem uma vinculação interna. A cultura possuiria então um duplo caráter, expresso na tensão entre seu direcionamento para a autonomia e sua função de adaptação. Esses dois momentos coexistem, pois tanto a adaptação faz parte do processo que leva o sujeito à autonomia, quanto esta pode ser suprimida se aquele é enfatizado. Na sociedade capitalista, em que há uma exigência pela conformação dos indivíduos às regras segundo as quais ela opera, a

¹ Para a melhor definição deste termo baseamo-nos no esclarecimento de Petry (2011) presente na nota de rodapé na página número 31. Segundo esta nota: "O termo alemão utilizado por Adorno é 'Halbbildung'. Costuma-se traduzi-lo para o português tanto como 'semiformação' quanto por 'semicultura'. Neste trabalho, utiliza-se a primeira forma, uma vez que o próprio termo 'Bildung' é mais frequentemente traduzido como 'formação' e também aqui, por vezes, se utiliza o complemento 'cultural', a fim de captar seu sentido mais exato".

presença do momento de adaptação da cultura é evidenciada.

Portanto, para Adorno (2010, p. 9), “a formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede”. Assim, as principais condições da formação seriam a autonomia e a liberdade. “Deste modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização” (ADORNO, 2010, p. 9). Na constituição da formação dos sujeitos, estes são submetidos às relações que influenciaram o atual processo de organização social, completa Pucci (2010).

Apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda), a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente. Para esta teoria, a ideia de cultura não pode ser sagrada – o que a reforçaria como semiformação –, pois a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva. Porém a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedeia esta e a semiformação (ADORNO, 2010, p. 9).

Nos primórdios da sociedade burguesa, na família e na escola a formação cultural desenvolvia-se no âmbito social. Quando os sujeitos entram em contato com as tradições e valores culturais transmitidos pelas instituições família e escola, é deflagrado um aparente conflito existente entre estas duas instituições. A conjugação destas instituições no sujeito o tende à aceitação de determinadas questões diante das quais reage com a afirmação de novos valores e comportamentos; isto é, adquire condições de se formar mediante a cultura para uma ação diferencial no contexto social.

No clima da semiformação, os conteúdos objetivos, coisificados e com caráter de mercadoria da formação cultural, perduram à custa de seu conteúdo de verdade e de suas relações vivas com o sujeito vivo, o qual, de certo modo, corresponde à sua definição (ADORNO, 2010, p. 19).

Para Petry (2011, p. 44), “a semiformação se apresenta, à primeira vista, como uma quase-

formação, ou seja, como precedente daquela que seria uma formação cultural integral ou completa. Entretanto, ela constitui justamente sua antítese, e não a ausência de cultura”. O atual contexto social, em especial o escolar, estimula, segundo Pucci (2010), a negação do tempo livre para contemplar coisas do espírito, a perda da tradição pré-capitalista conjugada com a diminuição da autoridade do pai e do educador, e o desaparecimento da Filosofia dos currículos escolares, que propiciam o aparecimento de situações trágicas para os estudantes, dentre elas a redução da espontaneidade e a diminuição do espírito crítico, conclui o autor. Recorrendo a Adorno (2010, p. 18), pode-se dizer que “[...] é ainda a formação cultural tradicional, mesmo que questionável, o único conceito que serve de antítese à semiformação socializada, o que expressa a gravidade de uma situação que não conta com outro critério, pois descuidou-se de suas possibilidades”.

Atualmente, a tecnologia tem ocupado um espaço de destaque: transformou-se no espírito do tempo e tornou-se fim em si mesma. Ela assume um patamar de poder e autonomia em que são as pessoas que agora precisam adaptar-se a ela para sobreviverem, e não o contrário. Ou seja, a dimensão tecnológica tornou-se um parâmetro para o sujeito na elaboração das suas relações sociais. Este procedimento elevou a tecnologia ao patamar de condição e não de meio. A informação, por sua vez, assume valor de troca; tudo pode ser captado da realidade e convertido em uma nova configuração, digitalizada, arquivada na eminência de ser deletada. Nas palavras do próprio Adorno, “a experiência [...] fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações” (ADORNO, 2010, p. 33). Pucci toma como exemplo para pensar este contexto a realidade virtual, fruto das novas tecnologias que se instalam na sociedade contemporânea, gerando um mundo artificial. Esta afirmação não deve ser tomada no seu sentido literal, mas em sua dimensão e potencial analítico. Tal como nos ‘submetemos’ à artificialidade virtual mediatizada pela tecnologia por meio da rede mundial de computadores, as relações pessoais tornam-se a extensão material desta virtualidade computacional. Sentimo-nos agraciados com os inúmeros convites diários de amizade oriundos das redes de relacionamento na *internet* em

detrimento de buscarmos estabelecer relacionamentos presenciais. A extensão das amizades que mantemos nessas redes demanda um sujeito com capacidades específicas para a administração de tais relações. Como os dispositivos educacionais, tanto escolares quanto familiares podem ser pensados nesta configuração social na qual, “ao invés de haver realmente uma popularização da formação cultural, o que acaba por acontecer é a sua aniquilação, pois aqueles que passam a acessá-la não estão preparados para uma apropriação viva e distorcem o conteúdo que poderia ser parte da verdadeira formação?” (PETRY, 2012, p. 53). “Elementos formativos inassimilados fortalecem a reificação da consciência que deveria justamente ser extirpada pela formação. [...] [Pois], nada do que, de fato, se chame formação poderá ser apreendido sem pressupostos”, assevera Adorno (2010, p. 29-30).

Com o aparecimento da necessidade política e social de ter escola para todos, o ensino acaba sendo massificado e os professores secundarizados no processo de ensino-aprendizagem. A Indústria cultural, por meio das suas novelas, vídeos, *softwares* educativos, da abundante editoração e distribuição de livros didáticos, por exemplo, domina a sala de aula e reduz intensamente os resquícios de autonomia almejados na educação formal (PUCCI, 2010). Na mesma direção, esta crítica pode ser completada pelo seguinte comentário:

O sonho de liberdade e esclarecimento defendido por Kant e que estava no centro da ideia de formação cedeu seu lugar à exigência de se criar novas relações com a cultura que fossem mediadas pela necessidade econômica de produção. A modernização se expande das fábricas para a cultura espiritual dos indivíduos, inaugurando um processo de socialização que se desvincula da ideia de formação cultural em seu sentido iluminista e passa a se orientar para as massas, o que possibilita a emergência das tendências da indústria cultural e da semiformação, as quais são determinantes para novas formas de subjetivização (PETRY, 2012, p. 52).

Como é sabido no campo educacional, demonstrado pelos estudos de formação docente, a desvalorização dos professores é caracterizada pelas inúmeras medidas implementadas pelas políticas públicas, empresariais e pela falta de reconhecimento de

sua autoridade e profissão por parte da sociedade contemporânea (PUCCI, 2010). Tal sociedade é caracterizada pela globalização do conhecimento e da informação, tornando o professor quase dispensável, ou equiparado aos recursos tecnológicos utilizados para a suposta melhor apreensão do conhecimento. O aluno, ao deparar-se com todas essas intermináveis possibilidades ofertadas, em especial pela *internet*, assistência de novelas e de diversos canais alternativos, ao entrar na sala de aula, sente-se desmotivado, percebe a escola como um local ultrapassado e sem elementos estimulantes, em uma palavra: anacrônico.

Essa uniformização e propagação da tecnologia no campo educacional é também presenciada nas universidades. Estas se atrelam ao mercado e suas estratégias, transformando-se em universidades operacionais subjugadas pela possibilidade de fomento. Contudo, sem o fomento, qual seria a pertinência delas diante do alto custo para o desenvolvimento de pesquisas de ponta? A questão não está no fomento ou na sua necessidade, mas nos meios utilizados para o seu alcance. Na universidade, segundo Pucci (2010), a docência, atualmente, é desempenhada pela transmissão rápida de conhecimentos (deletáveis), desaparecendo, assim, o objetivo da formação.

A crítica de Adorno procura mostrar que os desafios que restaram à modernidade com relação à formação do sujeito, embora difíceis de serem superados, não devem estagnar o pensamento. O ideal kantiano mostra-se ainda atual, pois toda prática educacional comprometida com a transformação da sociedade tem por objetivo a emancipação (PETRY, 2011, p. 42).

O texto *Teoria da Semiformação* (ADORNO, 2010) explora a questão de seu título, conceituada pelo autor, que indica os processos de como esta se tornou a instância mediadora das relações objetivas e subjetivas mediatizadas pelos indivíduos. Esta observação denuncia o estado precário em que atualmente se encontra a formação para a emancipação do sujeito no mundo contemporâneo.

Nesse texto, Adorno afirma que, em vez de terem uma formação cultural, os indivíduos estão sendo semiformados pela sociedade em que estão inseridos, abrindo espaço para a alienação do espírito, ou seja, da capacidade de

reflexão. Assim, os sujeitos não avançam até a formação cultural, mas permanecem semiformados, isto é, com a impressão de possuir a formação necessária para contornar as adversidades cotidianas. O processo da semiformação, atualmente, passa a dominar a consciência dos sujeitos, estruturando as suas relações com a realidade e com os outros. Pode-se afirmar que no contexto da semiformação os indivíduos estabelecem uma relação virtual com o seu processo formativo; em outras palavras, a instância da semiformação engessa os indivíduos na instância de 'virtualidade formativa' frente à formação cultural (ADORNO, 2010).

A formação, segundo a concepção adorniana, seria a cultura apropriada subjetivamente e, para tanto, ela pressupõe um sujeito. A cultura poderia ser considerada como base de formação do espírito. Contudo, a formação, quando toma rumos contrários aos supraindicados, acaba por se converter em semiformação. Esta instância refere-se a quando a formação não acontece, instalando-se, no indivíduo, a sensação de que ela, a formação, aconteceu (ADORNO, 2010). Essa sensação se manifesta nas inúmeras conversações sobre a política em rodas de amigos, por exemplo, mediante a leitura da manchete do jornal, sem aprofundamento sobre o assunto anunciado. A conversa esgota-se nos 'achismos' próprios da superficialidade do conhecimento, na qual os envolvidos se contentam. A formação passa a ser interpretada como a conformação à vida real, em que o sujeito se adapta ao que lhe é oferecido, alienando seu espírito.

Pintalgato e o processo da formação para a autonomia

O contexto em que a história se desenvolve e o próprio desencadeamento das nossas análises não pode confundir o leitor com o procedimento elaborado no 'romance de formação', embora estejamos debruçados sobre a necessidade de compreender as pistas indicadas pelo conto frente à problemática da formação presente no escrito de Mia Couto (2001). Portanto, é importante salientar que "o termo 'romance de formação' (Bildungsroman) foi criado por Karl Morgenstern em 1819 e difundido por Wilhelm Dilthey (1870, 1906), cujo protótipo é Wilhelm Meister (1795-96) de Goethe" (MWEWA; PUCCI, 2011a, p. 528;

2011b, p. 255). No Brasil, a palavra 'formação', "utilizada já por Euclides da Cunha e, como título de obra, pela primeira vez, por João Pandiá Calógeras, em 1939, na obra *Formação histórica do Brasil* (CALÓGERAS, 1966), [...] tornou-se a partir de então uma 'verdadeira obsessão' entre os retratistas do país" (BOLLE, 2004, p. 383-84). Pode-se dizer que, de forma indireta, esta já era uma preocupação dos romancistas antes de escreverem os seus romances. Ao elaborar verdadeiros trabalhos arqueológicos, em termos benjaminianos, Machado de Assis indicava o local onde se encontrara a 'ossatura' em que se constituiu a sociedade brasileira. Com base no 'raio x' machadiano, ainda podemos verificar na contemporaneidade os sinais das estruturas sociais por ele escavadas (MWEWA; PUCCI, 2011a, p. 528; 2011b, p. 256).

A história *O gato e o escuro*, do autor Moçambicano Mia Couto, fala sobre os medos, fantasias e invenções que consideramos inseridos no escuro. Esse assunto é narrado por meio da história interpretada pelos personagens *Pintalgato*, um gatinho de manchas e pintas amarelas, e sua mãe. O livro conta que o gatinho desobediente contraria os conselhos da mãe e atravessa a fronteira entre o pôr do sol e a noite. Assim, concordamos com Adorno (2010, p. 35), quando afirma: "o que se apresenta ao sujeito como inalterável se fetichiza, se torna impenetrável e incompreendido." Ao chegar ao outro lado, *Pintalgato* percebe que ficou escuro como a noite. Na escuridão, o gato fica triste, chora e sente medo por pensar que não retornará à cor normal, até que sua mãe aparece, aproxima-se dele e o conforta. Sem o repreender por sua desobediência, ela explica ao filho querido que todos temos um escuro dentro de nós; e que nessa escuridão mora o que inventamos, nela guardamos nossos medos. A mãe o tranquiliza, oferecendo-lhe carinho e sorrisos até que o gatinho adormece. Quando acorda, a gata convida o escuro para ser seu filho. *Pintalgato* não entende, pois acha que o escuro não poderia ser gato, mas a mãe o faz ver que mesmo nesse escuro o gato ainda continua igual, e que o preto apenas seria decorrência da escuridão. A mãe pede ao gatinho que olhe no fundo de seus olhos. Nesse momento, *Pintalgato* acorda e percebe que tudo não passara de um sonho. Então, ele chama pela mãe e observa que quando ela olha para o escuro, fica com os olhos pretos, como se eles se enchessem de breu. E,

diante da luz, seus olhos se amarelavam, claros e luminosos, salvo uma estreita fenda preta que, ao fundo, refletia um gato preto.

A leitura da história *O gato e o escuro* chama-nos a atenção o bloqueio que o medo causado pela escuridão proporcionou a *Pintalgato*, instaurando uma necessidade de agir por conta própria, ou seja, responsabilizar-se pelos riscos da ação sem mediação de 'outrem', mas apoiando-se apenas na sua formação cultural. Sua curiosidade de invadir a escuridão o encoraja a seguir em frente. Contudo, diante do escuro, ele se sente frágil, amedrontado, querendo voltar atrás em sua escolha de desobedecer à mãe e conhecer o escuro. Isso remete à nossa realidade. As mães, quando querem que os filhos as obedeam, criam monstros, 'bichos papões' e dizem que tais figuras ficam escondidas no escuro. A criança, quando nasce, não possui o sentimento de medo, cuja criação acontece no convívio com os grupos sociais. O primeiro contato da criança com o medo ocorre na família, quando os pais ensinam que ficar sozinho é perigoso; que, 'o homem do saco pega criança que chora'; que, se incomodar, vai ficar trancado no escuro etc. Atitudes como estas despertam o sentimento de medo, assim como o de curiosidade, pois a criança se sente seduzida a experimentar, apesar do medo.

Outro fato que chama atenção na história é a parte em que a mãe, em vez de castigar, se propõe a esclarecer o que tem no escuro. Ela orienta e medeia a descoberta do gatinho de que o escuro é normal e não proporciona perigo naquele momento². O diálogo vem sendo difundido no ensino dos pais aos filhos. Esse tipo de comportamento, em que o diálogo substitui o castigo, também é difundido nas escolas. Então, vê-se a mudança na formação cultural diante da desobediência de uma criança. Em *Teoria da Semiformação*, Adorno defende a ideia de que "[...] a formação cultural, que não é uma invariante: é diferente de época para época por seu conteúdo e suas instituições, e não se dispõe a transferências" (2010, p. 12). Esta passagem mostra que as instituições, como a família e a escola, mudam suas ideias referentes à formação cultural dos sujeitos mediante disposições temporais e espaciais. A forma como os filhos ou alunos são educados sofrem alterações. O que se pensava ser correto em determinada época, como castigar a criança que

desobedece a uma ordem, passa a ter outra conduta, a do diálogo, em outro período.

A complexidade da história traz a lição de que são os adultos que, muitas vezes, criam medos nas crianças. Sendo assim, é de responsabilidade deles também esclarecer as situações quando o medo causa certo bloqueio no sujeito³. E, esse esclarecimento, quando realizado por meio do diálogo, leva a criança a desmistificar seu medo e compreender o que realmente ocorre quando fica no escuro. Não basta apenas dizer para a criança que não se pode fazer determinada coisa, pois esta proibição pode despertar a curiosidade⁴. Deve-se conversar e informar o que pode acontecer, realmente, diante de determinada situação; no caso do livro, o que aconteceria a *Pintalgato* se atravessasse o escuro e o que ele encontraria.

Considerações finais

O presente recorte, que discute a narrativa presente no livro *O gato e o escuro* do moçambicano Mia Couto, permite a compreensão da relação simultânea que o sujeito estabelece entre o medo e a fantasia, mediante os contextos formativos presentes nas relações intersubjetivas. As ideias de Adorno afirmam que a ocorrência de uma real formação cultural do sujeito depende da transformação estrutural da sociedade para a possível viabilização da sua liberdade, potencializada pela emancipação.

Para essa concretização, as práticas educacionais deveriam ser comprometidas com as transformações sociais, desenvolvendo processos pedagógicos respeitadores das individualidades no coletivo. A formação cultural, em Adorno, teria a função de direcionar o sujeito para o exercício da autonomia, ultrapassando a instância de adaptação necessária ao sujeito e inerente à vida em sociedade. A convivência em sociedade provoca, no homem, a repressão de seus desejos, no intuito de ajustá-lo às regras estabelecidas pela necessidade do convívio social. Na instância pessoal, este ajustamento se deve ao instinto de autopreservação.

³ Portanto, a mediação externa introduz, no sujeito recém chegado, certas limitações no duplo caráter da cultura.

⁴ Talvez fosse uma prática saudável para vislumbrarmos a pontencialidade de sujeitos autônomos. Porém, a motivação inicial condena já de partida a possibilidade do ato.

² É importante perceber que esta mediação é a posteriori.

Pintalгато, diferentemente de Ulisses de Homero, que sublima seus desejos, tem consciência de seus limites e, por isso, os desafia por meio da fantasia, para, assim, exercer sua liberdade de adentrar o escuro; ou seja, ele põe em prática a faculdade do entendimento e da imaginação para o gozo da liberdade.

Em termos gerais, esta narrativa foi tomada como exemplo para se pensar as possibilidades subjetivas diante das limitações compartilhadas socialmente. As ações do 'sujeito' *Pintalгато* indicam, porém, que é possível estabelecer uma relação de respeito desafiante com tais limitações para experienciar o novo, o diferente, sem abrir mão do sempre-igual, ou seja, o carinho materno.

Referências

- ADORNO, T. W. **Teoria Estética**. Lisboa, Edições 70, 2000a.
- _____. **Des étoiles à terre: la rubrique astrologique du «Los Angeles Times». Étude sur une superstition secondaire**. Paris, Exils Éditeur, 2000b.
- _____. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. **Dialectique négative**. Paris: Payot, 2007.
- _____. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- _____. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B., ZUIIN, A. S.; LASTÓRIA, L. A. (Org.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 41-56.
- _____. **Mots de l'étranger et autres essais: Notes sur la Littérature II**. Paris: Éditions de la maison des sciences de l'homme, 2004.
- COLÓGERAS, J. P. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- COUTO, M. **O gato e o escuro**. Lisboa, Caminhos, 2001.
- COUTINHO, R. G. Questões sobre a formação de mediadores culturais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 18., 2009, Salvador: **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009, p. 3737-3749.
- MWEWA, M. C.; PUCCI, B. Conversa desarmada: teoria, crítica e literatura. In: **Crítica Cultural**, Palhoça, SC, v. 6, n. 21, p. 527-540, jul./dez., 2011b.
- _____. Conversa desarmada: teoria, crítica e literatura. In: MWEWA, M. C., SÁ, A. L.; VAZ, A. F. **O verso do anverso: teoria, crítica e literaturas africanas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2011a, p. 257-272.
- PETRY, F. B. **Filosofia como formação: seu ensino no pensamento de Theodor W. Adorno**. 2011. 229f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- PUCCI, B. A escola e a semiformação mediada pelas novas tecnologias. In: PUCCI, B.; ALMEIDA, J. de.; LASTÓRIA, L. A. (Org.). **Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 69-80.

Recebido em: 03/05/2013

Aceito em: 12/12/2013